

Armanda Passos (1944-2021)

Saudades para sempre

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA



Armanda Passos "Uma personalidade marcada por absoluta particularidade"

"Não tem consciência de influências (...) Simplesmente cria, obsessivamente, como se do nada viesse".

Álvaro Siza Vieira, *Armanda Passos. Bloco de desenhos*, ESBAP, 2015

Armanda Passos é, na cena artística portuguesa, uma personalidade marcada por absoluta particularidade. No entanto, na sua fase de formação, seguiu um percurso canónico: fez o curso de pintura na Faculdade de Belas-Artes do Porto, discípula querida de Júlio Resende, e foi depois assistente na mesma Escola, ensinando, sob a direção de Ângelo de Sousa, tecnologias da gravura, área em que se manteve exímia, especialmente na prática da serigrafia.

Mas, nessa época, parece que não era ainda Armanda Passos. Como foi sempre avessa às exigências narrativas da história, há, nos seus numerosos catálogos, pouca informação sobre o trabalho nas primeiras décadas de carreira. Ela própria afirmou que foi lenta e tardiamente que se despojou de todas as aprendizagens e de todas as solicitações do meio para se descobrir pintora.

Aliás, como me recordou a sua filha, também artista, Fabíola Valença, Armanda dava mais importância à poesia do que à pintura e será por isso que tantos

escritores brilhantemente escreveram sobre o seu trabalho. Ou seja, há, nesta obra, uma pulsão modernista de inventar as fontes de inspiração muito longe no tempo e no espaço mas, sobretudo, em confronto consigo mesma. Não com o pragmatismo monótono do quotidiano, antes numa abertura radical, por vezes absoluta, ao devaneio como condição do sonho e da criação.

Dava mais importância à poesia do que à pintura e será por isso que tantos escritores brilhantemente escreveram sobre o seu trabalho. Ou seja, há, nesta obra, uma pulsão modernista de inventar as fontes de inspiração

Este determinante sentido de orientação (sem estradas nem sinais de proibição) sugere uma estilística afim do surrealismo. Todavia tal hipotética filiação trairia o essencial: a gente e os animais que povoam as telas e os desenhos de Armanda não vivem dobrados sobre si nem descosidos do mundo. Pelo contrário, sugerem ativas comunidades em que os segredos e as novidades perpassam, envolvendo gente e bichos na contemplação de estranhos problemas.

Mas, se não há na sua pintura a pulsão autoindagante, a socialização do imaginário é, na verdade, mais aparente que real. Como se pode gerir o mundo em que só existem humanos de sexo feminino, mulheres e meninas, e bichos que não parecem substitutos de homens mas bichos mesmo que falam, sentem, perscrutam e protegem? Adivinha-se um poderoso mitograma que se repete com saborosas variantes de tela para tela, de desenho para desenho, numa produção extraordinária em quantidade e qualidade.

As mulheres que propõem essa existência mítica são quase todas de carnalidade abundante mas sem ponta de erotismo, embora não lhes falte beleza, e a diversidade pasmosa de trajes e atitudes. Uma vez apresentam-

-se suspensas e distraídas, outras parece que palram umas com as outras ou com os bichos, mas o que predomina é um silêncio sumptuoso. Ele vibra sobre nós através da energia luminosa das cores claras, da distribuição subtil das sombras, dos olhares que veem outras coisas. Num mundo tão cheio de ruído e de palavras gastas, esse silêncio é um repto provocatório.

Se pararmos, sem pressa de entender e de explicar, se nos deixarmos envolver pelo ritmo das cores e pela inventividade de cada composição, se acompanharmos a autonomia das formas e dos seus entrosamentos, ouviremos esse silêncio como canto primordial, melódico, transbordando de paixão que se oferece como partilha. Utilizando a sugestão de uma crónica de Paulo Varela Gomes, cito o poeta americano Ralph Waldo Emerson: 'Que haja silêncio para podermos ouvir o murmúrio dos deuses'.

Agora que Armanda Passos partiu, o silêncio adensa-se em saudade. Na belíssima casa que o seu amigo Siza Vieira lhe construiu, no atelier luminoso carregado de pinturas dispostas pela filha Fabíola, as mulheres, as meninas e os bichos falantes são uma surpreendente herança que mantém a artista viva. Infelizmente, não é fácil em Portugal ver a sua obra a não ser no Museu do Douro, na Régua, sua cidade natal onde fez um vasto depósito.

Mas convidado os leitores a contemplarem, no ecrã dos vossos computadores, as pinturas do Centro de Arte Moderna (Fundação Calouste Gulbenkian) e do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Com deliberado primitivismo e plena autonomia, elas existem numa potente constelação que inclui as damas venezianas de Carpaccio, as cenografias metafísicas de Menez ou a aliança entre as mulheres e os animais que Paula Rego prossegue desde os anos de 1970. Não se trata de nenhum roteiro de influências a que é completamente alheia mas de pistas de reflexão que, espero, convoquem artistas, historiadores e críticos que não se conformem com o que julgamos saber.

Basta olhar para estas misteriosas e tão fraternais pinturas para reafirmar uma das certezas de Armanda Passos: a arte convoca sem resolução as reminiscências mais antigas e suporta a vida através da energia dos nossos mais queridos mortos. ■